

“Em frente, marche!”: um estudo sobre as experiências afetivas e os atuais sentimentos de ex-integrantes de bandas marciais escolares

Comunicação

Rodrigo Lisboa da Silva
SEECT-PB¹
rodrigoltrombonista@gmail.com

Resumo: As bandas marciais escolares são espaços educativos que podem possibilitar o acesso ao aprendizado musical aos seus estudantes e, ainda, encaminhá-los a uma possível profissionalização em música. Todavia, nem todos os indivíduos que têm a oportunidade de participar de uma banda escolar decidem seguir a música como profissão. Dessa maneira, esta comunicação é um recorte de uma pesquisa qualitativa de mestrado cujo objetivo foi investigar as percepções e experiências de dez ex-integrantes de bandas marciais escolares da cidade de João Pessoa (PB) – que não seguiram estudos profissionalizantes nem carreira em música – a respeito de seus percursos de formação musical (SILVA, 2020). De modo a acessar as histórias de vida desses sujeitos, foram utilizadas entrevistas narrativas – norteadas pelas discussões de Flick (2004) e Gibbs (2009) – e, como complemento de informação, entrevistas semiestruturadas. Dessa maneira, os ex-integrantes revelaram suas percepções e sentimentos relacionados ao período em que participaram das bandas escolares. Os dados analisados mostram que as bandas escolares são propícias à promoção de experiências afetivas e de interação social. Todavia, os ex-integrantes revelaram algumas insatisfações decorrentes de relações sociais conflituosas e de práticas musicais apoiadas em modelos tradicionais de ensino. Este estudo espera contribuir para a Educação Musical e para a prática pedagógica de regentes de bandas escolares ao discutir e fomentar reflexões sobre os possíveis significados desses espaços no percurso formativo de seus estudantes e/ou dos indivíduos que já tiveram a oportunidade de participar.

Palavras-chave: Bandas marciais escolares; Ex-integrantes; Percursos de formação.

Introdução

As bandas marciais são grupos compostos por instrumentos de sopro da família dos metais – trompetes, trompas, trombones, eufônios e tubas – e da percussão – pratos, caixas, quadritons, bumbos, entre outros. Dessa maneira, participam de diversos eventos – desfiles cívicos, inaugurações, concertos, homenagens – executando um repertório que pode abranger marchas e dobrados militares, músicas populares e eruditas, temas de filmes, entre outros gêneros e estilos musicais. Além disso, as bandas marciais podem estar presentes no

¹ Secretaria da Educação e da Ciência e Tecnologia do estado da Paraíba.

cotidiano escolar como atividades que favorecem o acesso ao aprendizado musical a vários estudantes que não teriam condições de comprar um instrumento ou pagar por aulas de música².

Dessa maneira, as bandas marciais escolares podem oportunizar o acesso à educação musical e, ainda, direcionar parte de seus estudantes ao ingresso em um curso técnico e/ou superior na área. Nesse sentido, Nóbrega (2018, p. 41) aponta que “as bandas, de uma forma geral, tornaram-se grandes celeiros de instrumentistas, de sopros (metais) e percussão, e, a partir do momento que essa prática está inserida no âmbito escolar, o número de alunos em contato com a música é bastante amplo”. Embora concorde com tal pensamento, meu percurso em bandas escolares – como estudante e, depois, como regente – fez-me perceber que nem todos os indivíduos que já tiveram a oportunidade de participar desses grupos decidiram seguir o caminho da profissionalização.

Minha trajetória musical teve origem em uma das bandas marciais escolares da rede municipal de ensino de João Pessoa (PB). Tive a oportunidade de ingressar em uma universidade pública e seguir estudos superiores em música. Além disso, desempenhei a função de regente no mesmo projeto em que iniciei. Dessa maneira, eu me profissionalizei na área e grande parte disso devo aos aprendizados e estímulos da banda. Todavia, questiono-me quais as percepções de ex-integrantes – que não seguiram a carreira como músicos profissionais – a respeito de suas experiências em bandas marciais escolares? Quais significados atribuem aos seus respectivos percursos de formação nesses espaços?

Dessa maneira, esta comunicação é um recorte de um estudo qualitativo de mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba cujo objetivo foi “investigar as percepções e experiências de ex-integrantes de bandas marciais – que não seguiram estudos superiores ou profissionalizantes nem carreira na área – a respeito de seus percursos de formação musical” (SILVA, 2020, p. 16). Seus objetivos específicos foram assim definidos: discutir a banda marcial como atividade que possibilita o acesso à educação musical; identificar as expectativas e motivações que levaram o aluno a entrar em uma banda marcial; analisar as significações subjetivas de sua relação com a música em diferentes momentos de sua vida, especialmente na banda marcial; analisar os

² Além do corpo musical, as bandas marciais geralmente apresentam uma linha de frente formada pelo pelotão de bandeiras, estandarte, corpo coreográfico, balizas e mor.

possíveis limites das experiências em bandas destacados pelos ex-integrantes (SILVA, 2020, p. 16)³.

Foram coletados depoimentos de dez ex-integrantes de bandas marciais escolares da cidade de João Pessoa. Todos os sujeitos participantes da pesquisa são maiores de 18 anos e não seguiram a carreira como músicos profissionais e/ou ingressaram em um curso técnico ou superior na área. Um dos critérios para a inclusão desses sujeitos na pesquisa foi que tenham participado de uma banda marcial escolar por no mínimo um ano letivo (dois semestres escolares). Considerei que este seria um período razoável para que os ex-integrantes tivessem estabelecido uma relação duradoura com a banda. Além disso, só foram considerados sujeitos que saíram das bandas há menos de cinco anos do período de coleta dos dados. Possivelmente, ex-integrantes que tenham deixado a banda há mais tempo tendem a romantizar e idealizar suas experiências, comprometendo, assim, o caráter crítico e reflexivo do estudo⁴.

Os sujeitos da pesquisa são jovens com média de idade de 21 anos, todos homens, residentes da cidade de João Pessoa⁵. Eles foram identificados como Sujeito 1, Sujeito 2 e assim sucessivamente, sendo que nove deles são ex-integrantes de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa e apenas um teve seu percurso de formação musical em uma banda de uma escola privada. O tempo de participação em bandas variou entre dois anos e 13 anos, e o período de afastamento ficou entre um ano e cinco anos, atendendo, portanto, aos critérios estabelecidos para a participação de ex-integrantes nesse estudo. O quadro a seguir detalha o tempo de participação e afastamento de cada sujeito e os instrumentos que tocavam.

Quadro 1: Características dos Sujeitos da pesquisa

SUJEITO	TEMPO EM BANDAS	TEMPO DE AFASTAMENTO	INSTRUMENTO
Sujeito 1	7 anos	3 anos	Tuba e percussão

³ A presente pesquisa foi orientada pela professora Dra. Maura Penna e teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. O projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil sob o número CAAE 04613918.8.0000.5188, recebendo parecer de aprovação em 27/02/2019.

⁴ A coleta de dados ocorreu no período de 20/05/2019 a 17/10/2019. Ex-integrantes que tenham saído da banda, por diversos motivos, antes de 2014 não entraram nesta pesquisa.

⁵ Não era uma exigência que todos os entrevistados fossem homens, mas isso reflete a primazia masculina nas bandas por sua origem militar. A respeito da presença da mulher nas bandas, ver Fontes (2019).

Sujeito 2	7 anos	2 anos	Trombone
Sujeito 3	12 anos	3 anos	Trompete
Sujeito 4	11 anos	1 ano	Trompete
Sujeito 5	5 anos	4 anos	Trombone
Sujeito 6	9 anos	5 anos	Percussão
Sujeito 7	10 anos	3 anos	Trompete
Sujeito 8	7 anos	3 anos	Trombone
Sujeito 9	13 anos	2 anos	Trombone, eufônio e percussão
Sujeito 10	2 anos	1 ano e 6 meses	Eufônio

Fonte: Dados da pesquisa (SILVA, 2020, p. 98-99).

O instrumento de coleta de dados que utilizei para conhecer as respectivas histórias de vida musical de cada sujeito foi as **entrevistas narrativas**. Como apontado por Gibbs (2009, p. 81), as narrativas são ferramentas que dão voz aos respondentes, revelando seus sentimentos e percepções de mundo. As narrativas permitem que os sujeitos possam se autodescrever, contar suas respectivas histórias de vida e, assim, compartilhar suas trajetórias e experiências, os momentos decisivos, planejamentos, eventos e personagens fundamentais em seus percursos de formação (GIBBS, 2009, p. 80-85). Sobre as entrevistas narrativas, Flick (2004, p. 115) destaca a importância da questão gerativa, também conhecida por questão norteadora. Esta precisa ser formulada com clareza para que não fuja dos objetivos da pesquisa. Assim, propus a seguinte questão norteadora que foi apresentada aos sujeitos entrevistados:

Eu gostaria que você me contasse a respeito da sua história de vida musical. Como começou o seu contato com a música (na família, na igreja, com qualquer tipo de música). Aborde como foi que você decidiu entrar na banda e como foi sua trajetória dentro desta atividade. Conte-me como as coisas ocorreram até os dias de hoje, qual a sua relação com a música atualmente, sem pressa e com detalhes. Tudo que for importante para você será interessante para mim (SILVA, 2020, p. 18).

Dessa maneira, atentei em não obstruir e interromper os depoimentos dos sujeitos, garantindo-lhes o máximo de liberdade possível para compartilharem suas histórias. Além disso, durante a coleta das narrativas, foi marcada uma segunda entrevista com cada sujeito. Essas entrevistas foram semiestruturadas e tinham o propósito de complementar, esclarecer

e explorar alguns dados pertinentes aos objetivos da pesquisa revelados pelos ex-integrantes em seus depoimentos iniciais. Assim, após a aplicação da narrativa, busquei transcrever e analisar seu conteúdo de modo a formular o roteiro de perguntas para a entrevista semiestruturada que era aplicada, preferencialmente, na semana posterior. Dessa forma, os roteiros das entrevistas semiestruturadas foram específicos para cada sujeito em função de seus depoimentos nas narrativas.

Os sujeitos da pesquisa foram localizados através de redes sociais e do contato com alguns regentes de bandas que se dispuseram a colaborar com o desenvolvimento desta investigação. Também, foi importante a estratégia de “bola de neve” em que os sujeitos indicavam outros ex-integrantes cujos perfis atendessem aos critérios estabelecidos. As entrevistas foram realizadas em locais e horários acordados com cada entrevistado. Todos os sujeitos assinaram – em duas vias – um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que apresentava os objetivos da pesquisa, a metodologia da coleta, os possíveis desdobramentos e implicações para a área da Educação Musical. Além disso, foi esclarecido as condições de participação livre e voluntária dos entrevistados.

Realizei pessoalmente a coleta dos depoimentos dos sujeitos e suas transcrições, permitindo-me uma maior familiarização com o conteúdo das entrevistas. Primeiramente, todas foram transcritas na íntegra, destacando informações de natureza verbal e não-verbal. Neste caso, foram considerados regionalismos, gírias e expressões da linguagem cotidiana dos sujeitos. Após a transcrição de todas as entrevistas, um tratamento gramatical foi necessário nos trechos citados. Como aponta Gibbs (2009, p. 31), “a fala contínua raramente vem na forma de sentenças bem construídas”. Dessa maneira, considerei pertinente “organizar” as falas dos entrevistados, tornando-as mais compreensíveis ao leitor. Atentei em garantir que sinais sutis não revelassem suas identidades. Informações como nome de escolas, bandas marciais e pessoas foram anonimizadas por questões éticas.

Os dados foram categorizados, entrecruzados e analisados com base em uma revisão bibliográfica que favoreceu a discussão, a reflexão e a compreensão do fenômeno estudado. Dessa forma, essa comunicação apresenta e discute trechos dos relatos dos sujeitos no que diz respeito às suas experiências afetivas estabelecidas nas bandas e aos seus atuais sentimentos em relação ao período de participação nesses grupos.

Experiências Afetivas e atuais sentimentos

As bandas marciais escolares são atividades educativas que possibilitam múltiplos processos interacionais em que os estudantes podem trocar conhecimentos, compartilhar experiências e estabelecer laços afetivos expressos na formação de amizades (CRUZ, 2019, p. 93; SOARES, 2018, p. 157). Dessa maneira, todos os sujeitos entrevistados revelaram, em algum trecho de seus relatos, que as bandas oportunizaram o contato com outras pessoas através de ensaios e apresentações. Como exemplificação dessas questões, o Sujeito 6 – de 25 anos de idade, estudante de engenharia civil – destaca a união e o acolhimento entre os membros da banda de que participou. Neste sentido, aponta que, em momentos de dificuldade, seus colegas buscavam motivar e apoiar uns aos outros:

*Às vezes, tinham os seus momentos de tristeza por uma coisa ou outra, mas sempre todo mundo estava ali firme e forte, como **uma família**, um apoiando o outro e, na época que eu participei de banda, sempre era desse jeito: cada um motivando o outro e sempre aquela energia positiva, dando aquela força para levantar o outro colega que estivesse mais triste, aquele que tivesse mais dificuldades. Sempre acolhendo para poder estar crescendo todo mundo junto. (S6-E1, 29/07/2019; grifo meu)⁶.*

Por sua vez, o Sujeito 1 – de 19 anos de idade, militar das Forças Armadas – revela um evento bastante doloroso: o falecimento de um dos integrantes da banda. Ele relata que, ao terem conhecimento do ocorrido, os membros da banda ficaram abalados e decidiram homenagear o “amigo” que havia partido. Emocionado, o Sujeito 1 relata:

*Toda vez que eu olhava para o canto e via a cadeira vazia, eu começava a chorar [triste, emocionado]. A gente parou de tocar, pensou, refletiu e olhou um para a cara do outro e dissemos: “Maestro, a gente quer tocar para X no enterro dele.” [...] A gente ficou sabendo o que aconteceu e ensaiamos a banda. Da escola ao cemitério, davam uns 3 ou 4 km, mas fomos a pé, com os instrumentos pesados daqui para lá, pois o nosso coleguinha tinha partido. [...] O pessoal que era da banda tinha um ditado: “a gente não é uma banda, é **uma família!**” e você sabe disso. (S1-E1, 20/05/2019, grifo meu).*

⁶ A indicação “S6-E1, 29/07/2019” corresponde, respectivamente, ao número do sujeito, ao número da entrevista e à data em que foi realizada. Os trechos dos relatos dos entrevistados aparecem em itálico para diferenciar de citações bibliográficas.

Os depoimentos acima mostram que as atitudes e conexões emocionais estabelecidas entre os membros da banda podem provocar o sentimento de pertencimento ou, de acordo com as próprias palavras dos sujeitos, “família”. Neste sentido, as bandas marciais escolares configuram-se como espaços repletos de afetos compartilhados entre seus integrantes, sendo, portanto, propícias ao desenvolvimento de interações sociais e à criação de laços afetivos dada a convivência prolongada que elas exigem (CHAGAS; LUCAS, 2014, p. 3; DAGAZ, 2012, p. 443-444).

Na mesma direção dos depoimentos dos Sujeitos 6 e 1, o Sujeito 4 – de 21 anos de idade e repositor de supermercados – aponta as bandas escolares como favoráveis à formação de amizades. Além disso, destaca que as viagens e apresentações colaboravam no relacionamento e na união do grupo. Nessa perspectiva, revela:

*A gente indo ali todo dia direto, a gente cria um laço de amizade, vendo a mesma pessoa toda hora. Acaba se tornando a nossa segunda **família**, né? As viagens também, os campeonatos, as competições, o momento de tensão, tudo isso cria um laço de amizade maior com o pessoal da banda. (S4-E2, 08/07/2019; grifo meu).*

Os diversos eventos que uma banda marcial escolar participa (desfiles cívicos, encontros, festivais, concursos) exigem um considerável período de convívio de seus membros em prol do resultado musical desejado. Além disso, as apresentações são ocasiões que permitem aos estudantes conhecerem outros locais – bairros, cidades, estados – e outros grupos (LIMA, 2007, p. 63). Apesar do esforço físico e do cansaço demandado, os desfiles e as viagens foram momentos significativos que fazem parte das memórias dos entrevistados. Nesse sentido, o Sujeito 3 – atendente de papelaria – e o Sujeito 9 — em busca de emprego —, ambos com 20 anos de idade, destacam a importância de tais eventos em seus respectivos percursos de formação em bandas:

Eu acho que os momentos mais bacanas da banda marcial eram os tempos em que a gente viajava. [...] Rapaz, a gente foi de ônibus e a gente começou o desfile lá para às 2 horas da tarde e fomos terminar o desfile às 6 horas da noite. A gente andou. Foi chão! [...] O que mais marcou foi o grupo interagindo com os outros. Foi bom demais aquela época. (S3-E1, 09/06/2019).

Elas foram tão marcantes, tão importantes porque quando você estava nela, você tinha a galera, você conversava, se divertia. Não era todo mundo que

podia sair com seus amigos para viajar para o interior, e a banda trouxe essa oportunidade para a gente. Então, além de conhecer outros lugares, você conversava com outras pessoas, conversava com outros amigos. Isso foi muito marcante para mim. (S9-E2, 29/08/2019).

Na mesma direção, o Sujeito 5 – de 20 anos de idade, aprendiz de auxiliar administrativo – revela que as apresentações da banda proporcionavam visibilidade, reconhecimento e momentos de protagonismo a seus integrantes:

O que tornava esses momentos tão importantes é que eu tinha na cabeça que a gente ia ficar mais conhecidos nos cantos porque a gente viajava. [...] O que tornava mais importante para mim é isso aí, esse momento que a gente ficava mais conhecido nos cantos e se destacando lá fora. (S5-E2, 12/07/2019).

Durante a análise do material coletado, percebi que todos os sujeitos mencionaram as apresentações em suas primeiras entrevistas – narrativas –, revelando a pertinência desses momentos. Dessa forma, é possível pensar que esses episódios foram significativos em seus respectivos percursos de formação musical dentro da banda escolar. As apresentações da banda podem fazer com que os estudantes se sintam valorizados e motivados, uma vez que têm a oportunidade de representar a escola e serem prestigiados e reconhecidos por suas famílias e por seus pares (PENNA et al, 2016, p. 53-54). Nesse sentido, a participação em uma banda marcial escolar pode oportunizar experiências que favorecem a autoestima dos indivíduos dadas as interações sociais e as possíveis sensações de bem-estar, autorrealização e satisfação (CAMPOS 2008, p. 107; CARMO, 2014, p. 19-20; CHAGAS; LUCAS, 2014, p. 1-2; CUMBERLEDGE, 2017, p. 46; SILVA, 2014, p. 22).

Apesar de concordar com a literatura acadêmica que destaca as bandas como favoráveis ao desenvolvimento das interações pessoais, é possível presenciar situações de rivalidade e disputas entre seus membros. Dessa maneira, embora o Sujeito 8 – de 20 anos de idade, estudante de administração e teologia – tenha revelado que a banda marcial lhe possibilitou formar amigos, seu depoimento também mostrou que as relações interpessoais nesses espaços podem ser problemáticas. Nesse sentido, ele aponta:

Eu aprendi isso: é muito difícil você lidar com pessoas. Algumas pessoas têm inveja do seu trabalho, porque elas não querem ver o seu melhor. [...] Eles preferiam brigar do que ficar em paz. Então, a competição [entre os membros] era muito para isso, para diminuir a pessoa. Só que isso não é legal

para nenhuma das partes. Não é legal você pensar assim. (S8-E2, 23/08/2019).

Como mostra o depoimento do Sujeitos 8, as interações sociais entre os membros de uma banda nem sempre refletem traços de união, companheirismo e altruísmo, mas, por vezes, de disputas e intrigas. Além disso, as rivalidades podem ocorrer não apenas no contexto interno de cada banda. Nesse sentido, o Sujeito 2 – de 21 anos de idade, repositor de supermercado – relata uma cena de conflito estimulada pelo excesso de competitividade durante um concurso entre bandas marciais:

No meu tempo de campeonato de banda, tinham competições saudáveis e não saudáveis também [risos]. Um partia para cima do outro, tinham brigas. Quando bandas conhecidas se encontravam, o pau comia à solta. Era briga que ninguém queria saber, tudo por causa de resultado, dizendo que era roubo, que não era não sei o quê. (S2-E2, 04/06/2019).

Os campeonatos são estímulos para que diversas bandas permaneçam ativas, contribuindo para o desenvolvimento performático e interpretativo desses conjuntos (SILVA, 2012, p. 38-39; SILVA, 2014, p. 33; SOUZA, 2010, p. 47). Quando bem orientada pelo regente, a participação em um concurso pode trazer motivação e aprendizado ao grupo dadas as experiências e os desafios que possibilitam. Contudo, a emoção e o sentimento de disputa inerentes a tais eventos podem provocar desavenças entre os integrantes das bandas candidatas ao título almejado. Embora os relatos aqui apresentados não possam ser generalizados, o depoimento do Sujeito 2, por exemplo, serve de alerta para que os regentes estejam atentos a situações que podem ser elevadas a cenas de hostilidade. Desta forma, os regentes de bandas escolares, enquanto educadores, precisam dialogar e conscientizar seus estudantes sobre as contribuições que a participação em um campeonato pode trazer ao grupo, evitando, portanto, incentivar sentimentos de competitividade e rivalidade excessivas que poderão implicar em episódios de conflito e violência.

Os sujeitos entrevistados são ex-integrantes de bandas marciais escolares que não seguiram a carreira como músicos profissionais e/ou que não buscaram um curso técnico ou superior na área. Apesar de terem saído da banda em algum momento de suas vidas, por diversos motivos, os significados e os sentimentos relativos aos seus percursos de formação nesses espaços fazem parte de suas memórias. Nesse sentido, o Sujeito 7 – de 25 anos de idade, auxiliar de produção – relatou que as dificuldades financeiras que o impediam de

comprar seu próprio instrumento musical contribuíram para a sua desistência de uma possível carreira profissional na área⁷. Além disso, ao ser questionado sobre como sentiu-se ao ter que abandonar a banda, enfaticamente respondeu:

*Péssimo! Péssimo porque é uma coisa que eu queria viver muito mais do que 10 anos. Eu tive que abandonar por causa da condição financeira que eu não tinha. [...] O que eu sinto mais é falta, **saudade** das pessoas, dos professores que eu conheci, de estar nos desfiles que eu participei. Se eu pudesse participar de novo, eu ia, mas, infelizmente, devido à condição financeira, eu não posso mais. (S7-E2, 15/08/2019; grifo meu).*

Assim como o Sujeito 7, outros seis entrevistados apontaram sentimentos de saudade em relação à banda. Nascimento e Menandro (2005, p. 10) afirmam que a saudade está relacionada à satisfação com o passado. Dessa maneira, é possível pensar que as amizades, os ensaios, as apresentações, por exemplo, foram elementos importantes nos percursos de formação dos estudantes. Contudo, nem todos os sujeitos estabelecem os mesmos significados e percepções em relação às suas experiências. Nesse sentido, o Sujeito 10 – de 18 anos de idade, estudante do ensino médio – revela não sentir saudades da banda. Longe disso, relata uma sensação de alívio, pois considerava a rotina de ensaios demasiadamente cansativa:

Eu me senti leve demais. [...] Eu não senti nenhuma tristeza não. Eu me senti leve, de boas. O que me cansava era que todo o final de semana tinha ensaio geral. Nos outros dias da semana era ensaio de naipe, tinha que ter teoria, aí vinha: “vamos passar isso, vamos passar aquilo”. Isso estava cansativo demais. (S10-E2, 17/10/2019).

Penna et al (2016, p. 49-52), em suas pesquisas sobre as bandas escolares no Programa Mais Educação, destacam que, muitas vezes, os regentes ensinam da maneira como foram ensinados e, dessa forma, atualizam práticas musicais repetitivas, exaustivas e sem maiores preocupações pedagógicas. Com base no relato do Sujeito 10, é possível pensar que práticas educativas engessadas sob padrões tradicionais de formação musical, pouco voltados ao desenvolvimento de processos criativos e reflexivos, podem ser monótonas e entediantes. Dessa maneira, embora a maioria dos sujeitos tenha manifestado sentimentos de “saudade”,

⁷ As dificuldades econômicas e a precarização do mercado de trabalho em música podem ser fatores que preocupam músicos e estudantes brasileiros, implicando no abandono da profissão. Para maiores discussões, ver Ilari (2002) e Segnini (2011).

as experiências vivenciadas e as relações estabelecidas com a banda e com a música são pessoais. Portanto, os depoimentos apresentados refletem sentimentos e percepções subjetivas dos ex-integrantes participantes deste estudo a respeito de seus percursos de formação musical em bandas marciais escolares.

Considerações finais

As bandas marciais escolares são atividades educativas que, pelo caráter coletivo, podem proporcionar experiências afetivas de interação social aos seus integrantes. Além disso, suas apresentações oportunizam o contato com outros espaços, suprindo, assim, a necessidade de lazer, uma vez que muitas famílias em situação de vulnerabilidade não possuem condições financeiras para viajar frequentemente. Nesse sentido, a banda marcial pode ser uma das poucas atividades inseridas no cotidiano escolar que, além do aprendizado musical, possibilita a criação de laços afetivos, a visitação a outros locais (bairros, cidades, estados) e, ainda, diversos momentos prestígio e reconhecimento aos seus estudantes.

As experiências e os significados das bandas escolares são subjetivos. Dessa maneira, apesar de apontarem diversas contribuições dessas atividades em seus respectivos percursos de formação, os sujeitos entrevistados também revelaram alguns limites de suas práticas. Com base nos relatos desses ex-integrantes, foi possível perceber que as relações sociais estabelecidas nas bandas podem ser problemáticas e elevadas a episódios de conflito. Também, a partir do depoimento do Sujeito 10, pode-se pensar que as práticas musicais em bandas escolares, muitas vezes, estão amarradas a modelos tradicionais de ensino que tornam os ensaios exaustivos e, assim, desestimulam e afastam seus membros.

Além dos limites decorrentes de relações sociais conflituosas e de práticas apoiadas em modelos tradicionais de ensino, a pesquisa também analisou outros problemas apontados pelos sujeitos que estão relacionados ao despreparo pedagógico do regente, cenas de indisciplina, falta de incentivo e investimento por parte de gestores públicos. Por outro lado, foi possível discutir a banda escolar como atividade que contribui no desenvolvimento de valores – respeito, paciência, persistência, disciplina, entre outros aspectos – e que pode possibilitar o acesso ao aprendizado musical (SILVA, 2020, p. 121-152). Nessa perspectiva, as entrevistas em duas etapas foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa uma vez

que possibilitaram o acesso às histórias de vida dos sujeitos que, assim, puderam revelar experiências significativas em seus respectivos percursos de formação musical.

Este estudo discutiu as experiências afetivas e os atuais sentimentos de ex-integrantes de bandas marciais escolares com base em seus relatos. Dessa maneira, esta investigação pretende auxiliar na construção de um olhar mais crítico sobre a educação musical nesses espaços ao problematizar algumas experiências socioemocionais que podem possibilitar. Assim, espero que a discussão apresentada nessa comunicação possa ecoar na prática pedagógica de regentes ao suscitar reflexões sobre as possíveis experiências e significações das bandas marciais escolares na vida de seus estudantes e, sobretudo, no percurso de formação de ex-integrantes que não seguiram carreira ou estudos profissionalizantes em música.

Referências

- CAMPOS, Nilceia Protásio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 16, n. 19, p. 103-111, mar., 2008. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/264>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- CARMO, Claudionor Crisostomo do. *Motivação para tocar na banda: um estudo com dois alunos da banda marcial do Colégio Sergio Fayad Generoso em Formosa-GO*. Monografia (Licenciatura em Música) – Universidade de Brasília, UnB, Formosa-GO, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/9932>. Acesso em: 4 nov. 2019.
- CHAGAS, Robson Miguel Saquett; LUCAS, Glaura. Transmissão do saber e relações sociais nas práticas musicais das bandas civis de música. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 24., 2014, São Paulo. *Anais eletrônicos [...]*. São Paulo, ANPPOM, 2014. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2014/2807/public/2807-9816-1-PB.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.
- CRUZ, Fernando Vieira da. *A (re)construção da banda de música: Repertório e ensino*. 143 p. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/333950>. Acesso em: 18 nov. 2019.
- CUMBERLEDGE, Jason. The benefits of college marching bands for students and universities: a review of literature. *National Association for Music Education*, [s. l.], v. 36, p. 44-50, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/8755123316682819>. Acesso em: 3 nov. 2019.
- DAGAZ, Mari. Learning from the band: trust, acceptance and self-confidence. *Journal of contemporary ethnography*, Pennsylvania, v. 41, n. 4, p. 432-461, ago. 2012. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.869.8422&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 1 abr. 2020.
- FLICK, Uwe. As narrativas como dados. In: FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 109-123.
- FONTES, Laizime da Silva. *Regência feminina: a inserção da mulher no projeto de bandas marciais escolares da rede municipal de ensino de João Pessoa*. 2019. Monografia (Licenciatura em Música) – Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2019.
- GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ILARI, Beatriz. Quando o músico pensa em deixar a profissão: Um estudo comparativo entre instrumentistas brasileiros e canadenses. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 13, n. 21, p. 71-88,

2002. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/8528>. Acesso em: 10 nov. 2019.

LIMA, Marcos Aurélio de. *A banda estudantil em um toque além da música*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. *Memorandum*, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, v. 8, p. 05-19, 2005. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/artigo01.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

NÓBREGA, Matheus Lopes Costa. *A cidade das bandas: o projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa*. 2018. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13099/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

PENNA, Maura; MENDES, Eliane; BRITO, Alan Araújo; LINHARES, Ian Bandeira; BARROS, Olga Renali; PEREIRA, Raquel Dantas Gomes. O programa mais educação e a banda escolar: a atualização de uma tradição. *Plures Humanidades*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 40-59, 2016. Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/245/170>. Acesso em: 19 jun. 2020.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. À procura de trabalho intermitente no campo da música. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 16, n. 30, p. 177-196, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/3895/3576>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SILVA, Rodrigo Lisboa da. *Memórias da banda: percursos de formação de ex-integrantes*. 2020. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18517?locale=pt_BR. Acesso em: 8 set. 2021.

SILVA, Francinaldo Rodrigues da. *A aprendizagem musical e as contribuições sociais nas bandas de música: um estudo com duas bandas escolares*. 2014. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiás, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3533/5/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Francinaldo%20Rodrigues%20da%20Silva%20-%202014.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2019.

SILVA, Thallyana Barbosa da. *Banda marcial Augusto dos Anjos: processos de ensino aprendizagem musical*. 2012. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2012.

Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6595?locale=pt_BR. Acesso em: 10 out. 2019.

SOARES, Adalto. *Orquestra de Metais Lyra Tatuí: a trajetória de uma prática musical de excelência e a incorporação de valores culturais e sociais*. 2018.

Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2018. Disponível em:

https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27560?mode=full&submit_simple>Show+full+item+record. Acesso em: 18 jan. 2020.

SOUZA, Erihuus de Luna. *P'rá ver a banda passar: uma etnografia musical da banda marcial Castro Alves*. 125 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, UFPB, João Pessoa-PB, 2010. Disponível em:

https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8757?mode=full&locale=pt_BR. Acesso em: 20 set. 2019.